

Abstract: No ano de 2003, a Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, também conhecidos como Dehonianos (de seu fundador, Pe. Leão João Dehon), festejou o centenário de sua presença e atuação no Sul do Brasil, especialmente em Santa Catarina. Em comemoração a esse evento, o autor publicou um livro, abordando os dez anos iniciais desta Congregação em nosso país. O artigo resume os dados obtidos na consulta às cartas e relatos dos primeiros missionários, cerca de duas dezenas deles, vindos da Alemanha entre 1903 e 1913. Pela diversidade dos assuntos e o testemunho das experiências, esses documentos são uma preciosa fonte de informação para o conhecimento da história da Igreja no Estado, no início do século XX. Seu conteúdo reflete o cotidiano, os costumes, o modo de ser e de viver da população por eles atendida, tanto nas áreas de colonização alemã, italiana e polonesa, como nas de povoamento luso-açoriano do litoral. Em muitas localidades, esses missionários foram os protagonistas da renovação e da estruturação da Igreja em Santa Catarina.

In the year 2003, the Congregation of the Priests of the Sacred Heart of Jesus, also known as "Dehonians" (from their founder, Léon Jean Dehon), celebrated the centennial of their presence and actuation in the south of Brasil, especially in Santa Catarina. Commemorating this event, the author published a book, describing the 10 initial years of this Congregation in our country. The article summarizes the information collected from the letters and reports of the first missionaries, about twenty of them, who came from Germany between 1903 and 1913. Because of the diversity of their subjects and the testimony of the experiences, these documents are a precious source of information for the knowledge of the history of the church in our State in the beginning of the XXth century. Their contents reflect the everyday life, the habits, the way of being and living of the population attended by them, so much in the areas of German, Italian and Polish colonization, as in those of Luso-açorian settling in the coast-line. In many places, these missionaries were the protagonists of the renovation and structuration of the church in Santa Catarina.

Presença e missão dehoniana no Sul do Brasil

*Valberto Dirksen**

* Valberto Dirksen, historiador, é professor aposentado da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC.



Introdução

No ano de 2003, a Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus festejou o centenário de sua presença e atuação no Sul do Brasil. Em comemoração a esse evento demos uma contribuição com a publicação de um livro¹ que trata dos dez anos iniciais desta Congregação em Santa Catarina. Os primeiros a chegar foram os padres Gabriel Lux e José Foxius em julho de 1903. Vieram a convite do Bispo de Curitiba para iniciar um trabalho de assistência religiosa junto aos colonos no interior do Estado. Ainda no mesmo ano e nos anos sucessivos vieram novos reforços para atuar no vasto campo missionário, que rapidamente foi se ampliando. Em 10 anos o número de missionários chegou a duas dezenas entre padres e irmãos. Em meio às múltiplas ocupações, os missionários encontravam ainda tempo para escrever sobre suas experiências e atividades pastorais. São dezenas de cartas e relatos enviados aos superiores e amigos na Europa e que foram publicados na revista *Das Reich des Herzens Jesu* e no anuário *Herz-Jesu Kalender*. Esses documentos, escritos em alemão, são uma preciosa fonte de informação não somente para a história da presença e atuação dos dehonianos² em Santa Catarina mas constituem-se também, pela diversidade dos assuntos, em fonte única para o conhecimento da história da Igreja entre nós no início do século XX. Seu conteúdo reflete o cotidiano, os costumes, o modo de ser e de viver da população por eles atendida, tanto nas áreas de colonização alemã, italiana e polonesa, como nas de povoamento luso-açoriano do litoral. Em muitas localidades, como se verá mais adiante, esses missionários foram os protagonistas da renovação e da estruturação da Igreja em Santa Catarina.

Temos a convicção de que é importante voltar às origens históricas, enquanto fonte de inspiração para novos projetos e empreendimentos. Entendemos que a história não tem como finalidade satisfazer meramente nossa curiosidade, mas ajudar-nos a compreender o presente em vista do futuro.

Para não incorrer em julgamentos equivocados, faz-se necessário ter em mente e compreender o contexto histórico da época em que esses

¹ DIRKSEN, Valberto. *Presença e missão dehoniana no Sul do Brasil (1903-1913) – os pioneiros*. Florianópolis: Lagoa Editora, 2004. 527 páginas.

² Os membros da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus são cada vez mais conhecidos como dehonianos, nome derivado do fundador Padre Leão João Dehon.



documentos foram produzidos. Os missionários, formados na Europa no espírito de uma Igreja romanizada, viam, não raro, nas práticas do catolicismo popular luso-brasileiro, superstições e desvios de fé e de conduta, que eles atribuíam à ignorância religiosa e ao abandono por parte do clero. Esta situação gerou não poucos conflitos e incompreensões entre missionários e a população, sobretudo luso-brasileira. Igualmente devem ser interpretadas à luz da mentalidade da época as atitudes etnocêntricas dos missionários: de um lado, a exaltação da cultura européia, especialmente a germânica e, de outro, o menosprezo pela cultura luso-açoriana como sendo primitiva e de natureza inferior, sem falar dos índios que eram considerados sem cultura. Todavia, não nos assiste o direito de julgar os missionários pelas suas idéias, condutas e práticas pastorais, pois entendemos que, “menos que julgar o passado, o historiador deve fazê-lo ser compreendido”³.

A Igreja, em Santa Catarina, no início do século XX

Até meados do século XIX, a presença da Igreja era pouco expressiva em Santa Catarina. Apenas alguns padres brasileiros ou portugueses, de formação deficiente e com pouco interesse pelo apostolado, atendiam parcialmente a população luso-açoriana nas principais vilas e povoações dispersas ao longo do litoral. A única colônia alemã, a de São Pedro de Alcântara, fundada em 1829, era atendida, de tempos em tempos, pelo pároco de Desterro. Com a fundação de outras colônias a partir de 1850, a situação não melhorou muito de imediato. No atendimento aos numerosos imigrantes que gradativamente foram se estabelecendo nas colônias e nas respectivas linhas coloniais de Joinville, Blumenau, Gaspar, Brusque e Teresópolis, três abnegados sacerdotes podem, no entanto, ser lembrados: Padre Carlos Boegerhausen, em Joinville, Padre Alberto Gattone, em Gaspar e Brusque, e Padre Guilherme Roer, em Teresópolis, cujo curato se estendia pelos vales dos rios Cubatão, Capivari e Braço do Norte até São Ludgero. O extenso planalto serrano praticamente estava sem assistência religiosa.

Nesse contexto, é compreensível que a maior parte da população, principalmente a mais afastada das sedes paroquiais, ficasse sem atendimento regular e, segundo a constatação dos missionários, as pessoas

³ DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente (século XIII-XVIII)*. Bauru, SP: EDUSC, 2003, vol. I, p. 14.



crescessem na ignorância religiosa. O povo manteve por conta própria suas tradições religiosas, mesclando-as, não raro, com crenças indígenas e africanas, estas últimas trazidas pelos escravos.

Com a proclamação da República em 1889 e o fim do Padroado, a Igreja passou a ter mais autonomia para criar dioceses e preencher cargos vagos nas paróquias. Assim, a 27 de abril de 1892, Leão XIII cria a diocese de Curitiba. Santa Catarina, que até então pertencia juridicamente à diocese do Rio de Janeiro, passa a depender da diocese de Curitiba. O primeiro Bispo dessa nova diocese, Dom José de Camargo Barros, tomou posse da extensa diocese em 30 de setembro de 1894. Um ano mais tarde, em 1895, ele faz uma visita pastoral a Santa Catarina onde constata a situação de penúria e desorganização em que se encontrava essa parte de sua diocese. Sua grande preocupação foi a criação de escolas paroquiais, que se multiplicaram, a partir de então, rapidamente em todo o Estado.

Em 1893, vem para Santa Catarina Pe. Francisco Xavier Topp, na qualidade de sucessor do Pe. Guilherme Roer. Monsenhor Topp, como ficou conhecido, natural de Warendorf, diocese de Münster/Vestfália, pode ser considerado o organizador da Igreja em Santa Catarina. Preocupado com o precário atendimento aos colonos, cujo número se multiplicava a cada ano, percebeu que não era possível ater-se simplesmente ao atendimento cotidiano dos fiéis. Fomentou a criação de paróquias e, principalmente, articulou a vinda de clero europeu. Nesse sentido, vieram vários sacerdotes da diocese de Münster, a chamada “Missão de Münster”. Além dos padres diocesanos, vieram também franciscanos e jesuítas, e as irmãs da Divina Providência. Estas últimas dedicaram-se ao atendimento hospitalar, à catequese e à educação infanto-juvenil, em escolas e colégios nas cidades de Florianópolis, Brusque, Blumenau, Rodeio, Joinville, Tubarão, Lages, Jaraguá do Sul, São Bento do Sul.

Em 1891, vêm para Santa Catarina os padres franciscanos, os quais se instalam, inicialmente, em Teresópolis e restauram a Província Franciscana da Imaculada Conceição. Com a vinda de novos reforços da Alemanha, os franciscanos assumem, além do curato de Teresópolis, as paróquias de Lages (que abrangia todo o planalto serrano), Blumenau, Rodeio, Gaspar, Angelina e Florianópolis (igreja Santo Antônio).

Porém, os sacerdotes eram ainda poucos para o número de habitantes, que crescia e se multiplicava entre os imigrantes e descendentes. Para preencher essa lacuna, Monsenhor Topp dirige-se novamente ao espírito missionário da Igreja de sua terra natal. Por sua intermediação,



chega ao superior da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus na Alemanha a correspondência do Bispo de Curitiba, com o pedido de fornecer missionários para trabalhar na “Vinha do Senhor” entre os colonos alemães em Santa Catarina.

A missão dehoniana em Santa Catarina

Formalizadas as negociações entre o Bispo de Curitiba e o superior da Congregação na Europa, despedem-se de seus amigos e de sua pátria na manhã de 16 de junho de 1903 os padres Lux e Foxius, e embarcam para a nova missão no distante Sul do Brasil. Ao avistarem o litoral do Brasil Meridional, em Paranaguá, os dois pioneiros escrevem em seu diário de viagem: “Eis ali a terra dos nossos anseios e de nossa missão, o vasto campo de nosso apostolado. Nós te saudamos com emoção e devoção, ó terra brasileira, nova pátria dos Padres do Sagrado Coração de Jesus!”

Florianópolis. A viagem, de Sittard, na Alemanha, até Florianópolis, demorou quase um mês. O primeiro a pisar em solo catarinense foi Pe. Foxius, no dia 15 de julho, pois Pe. Lux havia se separado dele em Paranaguá para apresentar-se ao Bispo de Curitiba. Por isso chegou uma semana mais tarde, no dia 19 do mesmo mês. Em Florianópolis auxiliaram primeiro o Revmo. Pe. Francisco Xavier Topp na cura d'almas e em outras atividades, até se familiarizarem com a língua e os costumes e poderem assumir paróquias próprias. A principal atividade foi na igreja conventual de São Francisco, que na época se encontrava em total abandono. Nos fundos da mesma igreja encontrava-se também sua residência. “Em janeiro de 1904, depois que chegou ajuda na pessoa dos padres Meller e Stolte e na do irmão Küpper, abriu-se a escola de Santo Antônio, nas dependências da igreja de São Francisco, com 90 alunos”⁴.

Brusque. Era interesse dos padres assumir um campo de atividades próprias. Um dos objetivos da vinda dos missionários era dar assistência aos imigrantes das inúmeras colônias alemãs do Estado. Em cumprimento a esses anseios, partiu para Brusque no dia 1º de agosto de 1904 Pe. João Stolte, dando início à presença dehoniana naquela paróquia, que passou a ser a sede da missão por muitos anos. Era imenso o campo missionário de Brusque e arredores. Além da extensa paróquia, que abrangia, além

⁴ LUX, Pe. Gabriel. *Relationes* (Relatório manuscrito). 1907.



do atual município de Brusque, também os municípios de Guabiruba e Porto Franco (hoje, Botuverá), foi-lhes confiada também a administração de Azambuja que, naquela época, já era um centro de peregrinação e contava com um hospital, um nosocômio e uma casa de acolhimento para crianças em preparação à Primeira Comunhão. Em resposta ao projeto de renovação cristã proposto pelo Bispo de Curitiba, bem como às necessidades locais, Pe. Meller deu início à construção da escola paroquial (mais tarde Colégio São Luiz), cuja inauguração se deu no dia 23 de maio de 1909.

São Bento do Sul. Em 4 de outubro de 1904, a missão dehoniana do Brasil meridional assumiu a paróquia de São Bento do Sul. Pe. Gabriel Lux recebeu a provisão de pároco mas o atendimento regular só teve início a 8 de dezembro, quando para lá se dirigiu Pe. Foxius. No início do ano seguinte, Pe. Antônio Wolmeiner foi auxiliá-lo na qualidade de coadjutor.

Itajaí. Em 1905, a pedido de Dom Duarte Leopoldo e Silva, o segundo na sucessão do bispado de Curitiba, foi assumida a paróquia de Itajaí. Escreve Pe. Lux: “Dia 24 de setembro Pe. José Foxius viajou com o Sr. Bispo para Itajaí, a fim de tomar posse daquela paróquia, e Pe. Lindgens seguiu-o 8 dias mais tarde.” Embora Brusque fosse a sede da missão, Itajaí era importante enquanto porta de entrada por causa do porto e como lugar de passagem.

Paraty e Barra Velha. A falta de clero era premente por toda a parte. Havia inúmeras paróquias vagas, pois não existia nenhuma casa de formação para futuros sacerdotes nativos. Por outro lado, face aos insistentes apelos do Bispo de Curitiba e reforçados pelo superior da missão dehoniana no Brasil, a casa missionária de Sittard continuou enviando sucessivamente novos missionários para fortalecer e aprimorar os trabalhos em andamento nas paróquias já assumidas e, na medida do possível, assumir novas paróquias. Nesse contexto, o Bispo de Curitiba ofereceu aos padres do Sagrado Coração de Jesus a paróquia de Paraty (hoje Araquari) e Barra Velha, ambas sem pároco há vários anos, ou duas paróquias em Florianópolis. Optou-se por Paraty e Barra Velha, em vista da continuidade de território entre São Bento, Itajaí e Brusque, e maior concentração dos religiosos, facilitando a comunicação dos mesmos entre si. Agora a área de atendimento se estendia desde Brusque (Botuverá e Guabiruba), passando por Itajaí (com posterior ramificação para Camboriú e Porto Belo), Barra Velha, Paraty e São Bento do Sul. A provisão de 20 de janeiro de 1906 dava ao Padre Henrique Lindgens o



título de vigário encomendado da referida paróquia de Paraty⁵. No mesmo ano, em 27 de novembro, Padre Francisco Schüler recebeu a provisão de coadjutor da paróquia. Padre Henrique Lindgens dirigiu a paróquia até 24 de abril de 1908, quando assumiu em seu lugar o Padre Pedro Storms. De 19 a 22 de fevereiro de 1909, o bispo da recém criada diocese de Florianópolis, Dom João Becker, fez uma visita pastoral à paróquia de Paraty e, ao despedir-se, deixou registrado no Livro Tombo o seguinte:

Fizemos a visita à igreja e verificamos que o Revmo. Sr. vigário Pe. Pedro Storms e seu zeloso coadjutor, Pe. Othmar Baumeister, desempenham cabalmente sua missão, como convém a dignos ministros de Deus. Grande é o zelo, constante o sacrifício com que trabalham pelo progresso da religião e salvação das almas, sob a direção do seu Bispo, pelo que sinceramente os louvamos.

Inúmeros outros sacerdotes da congregação se sucederam nessa paróquia até que a mesma foi entregue aos padres diocesanos em 1953.

Camboriú e Porto Belo. Logo após a criação da diocese de Florianópolis em 1908, Dom João Becker procurou os padres da Congregação para se estabelecerem em Camboriú, o que aconteceu na pessoa do padre Carlos Keilmann. À paróquia de Camboriú foi anexada temporariamente à de Porto Belo. As duas paróquias, que na época contavam com aproximadamente 15 mil almas, eram atendidas por dois padres.

Trindade, em Florianópolis. Por um breve período de tempo, a Congregação assumiu também a paróquia de São Miguel e Biguaçu em 1910. Embora os padres do Sagrado Coração de Jesus se tenham retirado de Florianópolis em 1904 para atender às demandas pastorais no interior catarinense, contudo, por falta de clero, voltaram à ilha de Santa Catarina em 1912, assumindo a paróquia da Santíssima Trindade, que compreendia toda a metade sul da ilha de Santa Catarina. Esta paróquia, que já estava há oito anos sem vigário, recebeu como pároco o Padre Pedro Storms, que tomou posse no dia 11 de fevereiro de 1912. Como coadjutor, veio o padre Carlos Keilmann.

Jaraguá do Sul. Em Jaraguá do Sul, os Padres do Sagrado Coração de Jesus iniciaram os trabalhos pastorais em 1911 com o Padre Meller,

⁵ A expressão “vigário encomendado” vem do tempo do padroado, quando os vigários recebiam provisão por um ano com possibilidade de renovação da mesma. O vigário podia ser promovido, mediante exame, a “vigário colado”, isto é, vitalício.



quando ainda não existia sequer capela nessa localidade. A paróquia foi criada no mesmo ano, e contava com aproximadamente 10.000 habitantes e 10 capelas. Os habitantes eram alemães, italianos, húngaros e poloneses. É muito lembrado o benemérito Padre Pedro Franken que, em 1913, construiu a escola paroquial. Esta, em parte, servia também como casa paroquial. Mais tarde, a escola paroquial foi entregue às Irmãs da Divina Providência. Iniciou também a construção da igreja matriz, cuja bênção de inauguração aconteceu a 17 de janeiro de 1917, dedicada a Santa Emília. Mais tarde, em 1925, quando a igreja passou por uma reforma, teve substituído o título da padroeira Santa Emília por São Sebastião.

Tubarão. Em 1º de novembro de 1913 os dehonianos assumiram a paróquia de Tubarão. Os dois primeiros sacerdotes da Congregação a trabalhar nessa paróquia foram os padres Henrique Lindgens, como vigário, e Carlos Keilmann, como coadjutor. Oficialmente os dois sacerdotes receberam a respectiva provisão somente em 24 de dezembro de 1913. Durante a Primeira Guerra Mundial, os padres, por serem alemães, tiveram que abandonar a paróquia durante um ano e meio. Terminada a guerra, puderam retornar às suas atividades. Os Padres do Sagrado Coração de Jesus trabalharam em Tubarão na cura d'almas e na educação (Colégio Dehon), até a criação da Diocese em 1954.

Esta sucinta visão panorâmica mostra que, nos 10 primeiros anos de atividade no Sul do Brasil os padres dehonianos abraçaram um vasto campo missionário que se estendia, desde São Bento do Sul, na divisa com o Paraná, até Tubarão, passando pela maioria das paróquias do litoral e algumas do interior. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) teve também significativa incidência nos rumos da Congregação no Sul do Brasil. Sendo os padres todos alemães, não lhes era permitido administrar paróquias situadas no litoral. Assim sendo, tiveram que se retirar de Itajaí a 15 de novembro de 1918, de Florianópolis (Paróquia da Santíssima Trindade) e também, por um ano e meio, de Tubarão. Em compensação, seu campo de ação missionária se estendeu para outros Estados, ao assumirem atividades pastorais e educacionais nos Estados de São Paulo (Taubaté), Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Entre o passado e o presente

Pelo que acabamos de expor, os padres do Sagrado Coração de Jesus trabalharam nesses 10 anos iniciais em lugares de grande diversidade étnica, cultural e religiosa. Os escritos, tais como cartas e relatos aos



quais nos referimos no início deste artigo, emanaram da pena desses religiosos tendo como pano de fundo sua vivência pastoral. Os textos, que publicamos no livro acima referenciado, nos apresentam um quadro multifacetado da situação da Igreja em Santa Catarina. Os mesmos apontam para problemas com os quais os religiosos se defrontaram cem anos atrás e que, de certa forma, porém com matizes e nuances diferentes, continuam sendo um desafio para a Igreja neste Estado. Entre as preocupações que permeiam os escritos dos religiosos dehonianos e os principais problemas com os quais se defrontaram, podemos citar os seguintes:

a) A falta de clero

No final do século XIX e início do século XX, cresce consideravelmente a população de Santa Catarina. Isto se deve não só ao contingente de imigrantes que chega a este Estado mas, sobretudo, às famílias de prole numerosa dos descendentes dos imigrantes já estabelecidos aqui há mais tempo. Não raro as famílias contavam com 10 a 12 filhos ou mais. Nesse contexto, tornava-se premente um número cada vez maior de sacerdotes para atender a demanda pelo atendimento religioso. Clero autóctone praticamente inexistia. Recorre-se então ao clero estrangeiro, sobretudo da Alemanha e, em menor número, da Itália, em vista das numerosas colônias italianas que se formaram em Santa Catarina a partir de 1875 e onde a população pedia padres que falassem o seu idioma.

Os escritos produzidos pelos missionários dehonianos referem-se constantemente ao problema da falta de padres, fato esse que os obriga a assumir inúmeras paróquias que já se encontravam há vários anos sem pároco. Escreve padre Lindgens ao chegar a Paraty (hoje Araquari): “Todos lamentavam a falta de sacerdote; o Bispo prometera enviar-lhes um, mas infelizmente... Quando, porém, souberam que era eu o novo pároco, foi grande seu contentamento”⁶. A situação não era outra nas paróquias de Penha, Camboriú, Porto Belo e Trindade. Esta última já se encontrava há oito anos sem pároco.

Um grande desafio eram as enormes distâncias a serem percorridas a cavalo, tanto para levar os santos sacramentos aos enfermos quanto as

⁶ LINDGENS, Henrique. *Minha viagem a Paraty*. In: DIRKSEN, Valberto. Op. cit. p. 129.



visitas às capelas. Além das distâncias, eram péssimas as estradas que, em épocas de chuva, se tornavam quase intransitáveis.

Nas áreas de colonização a falta de sacerdotes não era sentida de maneira tão premente, pois os imigrantes e seus descendentes contavam ainda com uma boa bagagem de conhecimentos religiosos e freqüentavam com assiduidade o culto dominical presidido por um leigo da comunidade. Nessas comunidades, o mestre-escola era, não raro, escolhido pelo pároco e exercia papel de líder e transmitia os rudimentos da fé cristã. Quando o padre fazia a visita à comunidade, completava a catequese.

O problema era mais crônico nas paróquias onde predominava o elemento luso-açoriano. Nessas regiões, a ausência de assistência religiosa era de longa data o que levou a população a práticas consideradas supersticiosas pois estavam permeadas de elementos originários de ritos afros ou indígenas. Segundo os escritos dos missionários, os fiéis davam pouca importância aos sacramentos, exceto o batismo, pois, para ser católico bastava ser batizado e observar alguns dias santos. Os religiosos missionários são claros em dizer que esse estado de coisas não era culpa dos fiéis mas da omissão da Igreja, pela falta de assistência religiosa.

b) O pluralismo étnico-cultural

É sabido que, com a imigração, Santa Catarina se constituiu em verdadeiro mosaico cultural. Além do indígena, do negro africano e do português, muitas outras etnias com suas especificidades culturais vieram se estabelecer em Santa Catarina, principalmente através do imigrante europeu a partir de 1850. Sem dúvida, a diversidade cultural é uma riqueza, mas também um desafio, pois exige muito respeito e tolerância.

Quando se fala em colônias alemãs, pensa-se em cultura germânica; porém na época da imigração havia, na Alemanha, uma grande diversidade cultural e lingüística. O mesmo se pode dizer dos imigrantes italianos ou poloneses. Nas colônias falavam-se diversos idiomas, os inúmeros dialetos, além do português. Padre João Stolte, que em 1906 se encontra em Brusque, constata o seguinte: “A população é mista: alemães, muitos italianos, poloneses, brasileiros, inclusive franceses e um velho inglês. Anteontem falei, de fato, cinco idiomas. [...] Há muita gente que, na verdade, não fala nenhuma língua específica, mas uma espécie de dialeto, resultante da mistura dos vários idiomas aqui praticados. No confessionário é absolutamente necessário saber português, alemão e



italiano; no púlpito basta alemão e português”⁷. O idioma revela apenas uma faceta da complexidade do trabalho pastoral. Cada imigrante trouxe consigo na bagagem seu passado cultural, no referente à religião, valores, costumes, tradições, crenças, etc. Os escritos dos missionários revelam a dificuldade que os padres, de cultura européia e formados no espírito da Igreja romanizada, tinham para lidar com os fiéis de cultura luso-açoriana.

c) O pluralismo religioso

Embora a religião católica fosse a predominante e nas áreas de colonização alemã a protestante estivesse fortemente representada, os missionários se defrontaram com uma grande diversidade de práticas e crenças religiosas estranhas à sua formação. De modo geral os missionários, por serem de origem alemã, não tinham maiores problemas de relacionamento com os evangélicos de confissão luterana, vindos da Alemanha. O problema se afigurava maior com relação à religiosidade popular, considerada em muitos aspectos como manifestação de superstições. No entanto, os missionários reconhecem que os brasileiros são religiosos e que os desvios percebidos na religiosidade não era culpa deles mas se devia aos anos de abandono por parte do clero. Num relatório, os missionários declaram: “Em 1908, o novo Bispo Dom João Becker confiou a nossos padres as paróquias de Camboriú e Porto Belo, com 15.000 almas. [...] Nessas duas paróquias a vida religiosa encontra-se em nível muito baixo, e é preciso começar tudo de início. Existem algumas igrejas, porém nelas falta de tudo e não são freqüentadas. Os padres, contudo, apesar de seu reduzido número, põem corajosamente mãos à obra para limpar essa vinha do inço que nela cresceu. A presença contínua de missionários fez uma falta premente para proteger a população contra a ‘seita’ dos metodistas, que fizeram enérgicas tentativas para fincar o pé, porém sem êxito até agora”⁸. Um dos missionários, viajando de Itajaí para Blumenau no segundo dia de Natal, observa um ritual religioso que lhe chamou a atenção. Conta o padre: “Às vezes reinam ainda entre eles costumes pagãos. Assim, vimos do navio como numa vila se executava uma frenética dança que, com certeza, ainda remonta ao tempo da escravidão. Nas suas festividades, exerce importante papel uma velha bandeira puída com a figura de Nossa Senhora e a coroa do Divino que,

⁷ STOLTE, João. *Nosso campo missionário em Brusque*. In: DIRKSEN, Valberto. Op. cit. p. 61-62.

⁸ Cf. DIRKSEN, Valberto. Op. cit. p. 346.



aliás, não pode faltar em nenhuma igreja. Ai daquele que ousa opor-se abertamente a esse costume supersticioso!”⁹. Estes não são fatos isolados. No dia-a-dia de suas atividades apostólicas, os missionários observam manifestações de religiosidade que para eles soam muito estranhas e que se encontram em franca contradição com os princípios aprendidos nos seminários da Europa.

d) O problema Escolar e sua solução

Por toda a parte os missionários constatam a falta de escolas. Nas colônias alemãs existem algumas, mantidas pelos colonos. Porém, o número é insuficiente e as dificuldades são enormes para fundar e manter outras. Em Brusque os padres constatam, em 1905, a seguinte situação: “A maior dificuldade que encontramos para trabalhar com sucesso na cura de almas é a grande ignorância das crianças de nossa paróquia, e a total ausência de interesse pelas escolas e pela educação. Há número suficiente de prédios escolares e, mesmo se as aulas fossem gratuitas, a terça parte dos pais não mandaria os filhos à escola. Daí resulta que estamos em quase todas as colônias sem aula. Onde havia escolas, foram fechadas, e onde ainda há alguma, há dificuldade em mantê-la em funcionamento. As tristes conseqüências disso já se fazem perceber. Se deixarmos as coisas continuarem nesse ritmo, teremos em 20 anos somente pagãos, ou apenas caricaturas de católicos. Nossos antigos colonos, especialmente os italianos, praticamente também não sabem ler nem escrever, mas pelo menos trouxeram da Europa uma boa formação religiosa, ao passo que a atual geração cresce sem instrução”¹⁰.

É sabido que no tempo do Império as escolas eram confessionais. Com a proclamação da República, deu-se a separação entre Igreja e Estado e as escolas foram laicizadas. Por isso, não contemplavam em seu currículo aulas de religião. Havia, inclusive, um acentuado conflito entre o clero missionário e as autoridades do ensino. O clero acusava o governo de impedir o acesso às escolas, pois estas estariam sendo dirigidas e manipuladas por elementos ligados à maçonaria anticlerical. Um missionário escreve o seguinte: “A escola do Estado é aconfessional, às

⁹ SPETTMANN, Geraldo. *Relato de viagem à colônia Hansa*. In: DIRKSEN, Valberto. Op. cit. p. 189.

¹⁰ STOLTE, João e LINDGENS, Henrique. *Notícias de Brusque*. In: DIRKSEN, Valberto. Op. cit. p. 81-82.



vezes atéia, de acordo com o professor e, por isso, não é adequada para a educação. O Estado mantém poucas escolas, e apenas nos lugares mais importantes. O número deveria ser ao menos dez vezes maior para atender, pelo menos, às necessidades mínimas. Disso adveio à Igreja o premente dever de preencher essa lacuna. Isso se deu por meio das assim chamadas escolas paroquiais, que estão sob a direção do pároco”¹¹. Mais adiante, o autor reconhece a fundamental contribuição das Irmãs da Divina Providência no campo da atividade educacional. “Um primoroso e indispensável pessoal docente fornecem as Irmãs da Divina Providência. [...] É realmente admirável o sucesso das Irmãs no ensino. Suas escolas são freqüentadas por meninas e meninos. As Irmãs sabem conquistar as crianças e não se preocupam em transmitir-lhes apenas admiráveis conhecimentos, como também em formar e enobrecer seus corações e sentimentos. As crianças que freqüentam a escola das Irmãs diferenciam-se, de longe, das demais. Seu modo de ser é amável, modesto e decoroso; sua fala, sem falhas e fluente. As escolas alemãs podem orgulhar-se com os resultados que nossas boas Irmãs conseguem com as tímidas crianças dos colonos, nas disciplinas da escola e nos trabalhos manuais”¹².

Nas paróquias onde predominava a população luso-brasileira como Paraty (Araquari), Penha, Camboriú, Porto Belo, o problema escolar era ainda mais crônico. Segundo os religiosos, a população é pobre e, por isso, não tem condições de manter uma escola. O povo também não demonstra nenhum interesse pela escola e, por isso, as crianças crescem analfabetas tanto no conhecimento intelectual quanto na fé.

e) A questão indígena

Em meados do século XIX, o Governo Imperial facilitou e, até mesmo, intensificou a imigração européia para Santa Catarina, para ocupar vastas áreas nos vales da Mata Atlântica, entre o litoral e a serra. O território era considerado um espaço de vazio demográfico, pois ignorava-se a presença dos povos indígenas. Com o progressivo estabelecimento de colonos nos vales do Itajaí, do Cubatão e norte do Estado, teve início o conflito entre brancos e silvícolas, estes, os primeiros e legítimos ocupantes destas terras. De um lado, o europeu avançava mata adentro, derrubando a floresta e abatendo animais e aves que eram

¹¹ Cf. DIRKSEN, Valberto. Op. cit. p. 408.

¹² Idem, p. 411.



os meios de subsistência dos indígenas. Por outro lado, os índios, alheios à prática da propriedade privada, nem sempre respeitavam os bens dos colonos. Ataque e contra-ataque. O medo gerava medidas de vingança para se prevenir contra futuras ameaças. O governo adotou medidas para evitar confrontos e vingança mas, sem resultados duradouros. Os colonos, por sua vez, optaram por medidas mais radicais, contratando “caçadores de índios”, conhecidos também como bugreiros.

No início do século XX, o problema tornou-se cada vez mais crítico. Os indígenas viam-se cada vez mais encurralados, pois as áreas de mata virgem diminuía rapidamente e, com isso, os ataques e vinganças eram cada vez mais frequentes. Observa um missionário: “Há certamente justiça e injustiça de ambas as partes. De uma parte os brancos precisam proteger sua família e seus bens dos assaltos de rapina dos índios; de outra parte, não se pode negar que os primitivos habitantes foram expulsos de suas propriedades e muitas vezes sofrem horrível fome. É de se lamentar também que os índios são inacessíveis a qualquer tentativa de conversão. O ódio contra os estranhos invasores de suas terras, que sempre avançam mais, parece ter banido de seus corações todos os demais sentimentos”¹³.

Os bugreiros cometiam verdadeiros genocídios. Um missionário dá o seguinte depoimento: “Depois de escurecer, [os bugreiros] aproximavam-se do acampamento indígena quais tigres sedentos de sangue à espreita dos índios, até que estes se encontravam no mais profundo sono para, então, desferir o ataque mortal.” Apenas algumas crianças tinham, eventualmente, a vida poupada e eram encaminhadas a algum internato de Irmãs que as ofereciam para adoção a famílias da sociedade.

Sobre as atrocidades cometidas, um missionário descreve a cena que ele mesmo presenciou por ocasião de sua viagem à colônia Hansa (hoje Ibirama): “Após 5 horas de viagem, apeamos para o almoço no lugar chamado Mato dos Bugres. Há 15 anos viviam ali ainda os índios, denominados pelos brasileiros com o nome pejorativo de *bugre s*. Sempre mais enxotados para o interior, realizam ainda de vez em quando saques nas suas antigas terras. Isso aconteceu ainda no verão passado, em Rafael, não muito distante de Hammonia, o destino de nossa viagem. Os bugreiros, que haviam saído em perseguição dos selvagens, acabavam de retornar quando saímos de Rodeio. Um dos caçadores havia sido morto; 10

¹³ SPETTMANN, Geraldo. *Relato de viagem à Colônia Hansa*. In: DIRKSEN, Valberto. Op. cit. p. 190



prisioneiros encontravam-se agachados em duas carroças, 7 da tribo dos botocudos e 3 da tribo dos coroados. Sobre o procedimento do assalto e o número de índios mortos reina total silêncio. Sabe-se apenas que os caçadores atacaram de surpresa o acampamento dos índios; quantos índios perderam a vida, não se sabe. Não se falam coisas boas a respeito; os muitos ferimentos que observamos em um dos índios presos deixam entender que houve um combate de vida ou morte de ambas as partes antes que os índios fossem dominados pelas mortíferas armas de fogo dos brancos”¹⁴.

Sem tomar um posicionamento enérgico, os religiosos lamentam as atrocidades cometidas. “Nossas imensas paróquias de São Bento e Brusque são extremantes com essas regiões indígenas, e gostaríamos de fazer a tentativa de anunciar a esses selvagens o santo Evangelho e fazer deles cristãos fervorosos. Com certeza é um empreendimento difícil, e nós sabemos que os primeiros missionários haverão de arriscar a vida, mas, com a ajuda divina, daremos início quando contarmos com auxílio da Europa. Já nos colocamos à disposição e aguardamos apenas o momento oportuno para dar início à grande obra e, assim, manifestar total simpatia ao governo, ao Bispo e a todo o povo fiel. Esperamos que esta obra, que deverá ser assumida também em vista da proteção de nossos conterrâneos alemães, encontre algum reconhecimento na Alemanha!”¹⁵.

A catequese indígena suscitou também um velado conflito entre Governo e Igreja. O Estado propunha a catequese leiga ao passo que o clero defendia uma catequese confessional. Enquanto o debate se arrasta, os índios são exterminados.

Considerações finais

O fim do século XIX e início do século XX é um dos períodos mais importantes da história de Santa Catarina. Foi nessa época que se começou a traçar a fisionomia da identidade catarinense, tanto no campo político como no social e religioso. A Revolução Federalista de 1893 respingou também por aqui, deixando marcas profundas na sociedade catarinense. Desterro teve seu nome mudado para Florianópolis. Foi nesse período que se travou também o grande debate político e jurídico entre Santa

¹⁴ Idem, *ibidem*. p. 190

¹⁵ SCHUELER, Francisco. *Um novo ataque indígena*. In: DIRKSEN, Valberto. Op. cit. p. 106.



Catarina e Paraná a respeito dos limites entre os dois Estados. Nesse campo de disputa, a maior vítima foi o homem do Contestado, cuja guerra sangrenta ceifou a vida de milhares de caboclos do interior de Santa Catarina.

No campo religioso, a época foi não menos importante. O período é marcado pela maciça presença do clero estrangeiro, que imprime em todos os segmentos da Igreja um catolicismo fortemente romanizado¹⁶. O catolicismo tradicional luso-brasileiro é visto e combatido como desvio da religião quando não, em muitos aspectos, como superstição. De uma religiosidade emocional e folclórica, passa-se para um catolicismo mais racional e sacramentalista. Antigas devoções populares são combatidas ou abandonadas, e novas formas de manifestação religiosa são introduzidas.

Em todo esse processo, papel importante tiveram as congregações religiosas femininas, principalmente as Irmãs da Divina Providência. Através dos colégios fundados juntos às principais sedes paroquiais, através da catequese eucarística e através da assistência aos enfermos, as religiosas contribuíram significativamente para a implantação de um catolicismo renovado.

Com a criação da diocese de Florianópolis em 1908, completa-se o processo de estruturação da Igreja neste Estado. A partir de então, o Bispo acompanha mais de perto a atuação dos padres nas respectivas paróquias e, o que é importante, começa-se gradativamente a formar um clero autóctone.

Endereço do Autor:

Rua Guido Bott, 95
Santa Mônica
88035-130 Florianópolis, SC
Tel. (48) 234-5808

¹⁶ Basta lembrar que no Congresso Sacerdotal, em Florianópolis, celebrado de 17 a 19 de novembro de 1911, compareceram todos os 27 padres diocesanos e 35 representantes dos 74 padres religiosos que então atuavam em Santa Catarina. Em 1911 havia na diocese de Florianópolis, que compreendia todo o Estado de Santa Catarina, 40 padres franciscanos, 18 padres do Sagrado Coração de Jesus, 11 Jesuítas e 5 Lazaristas.